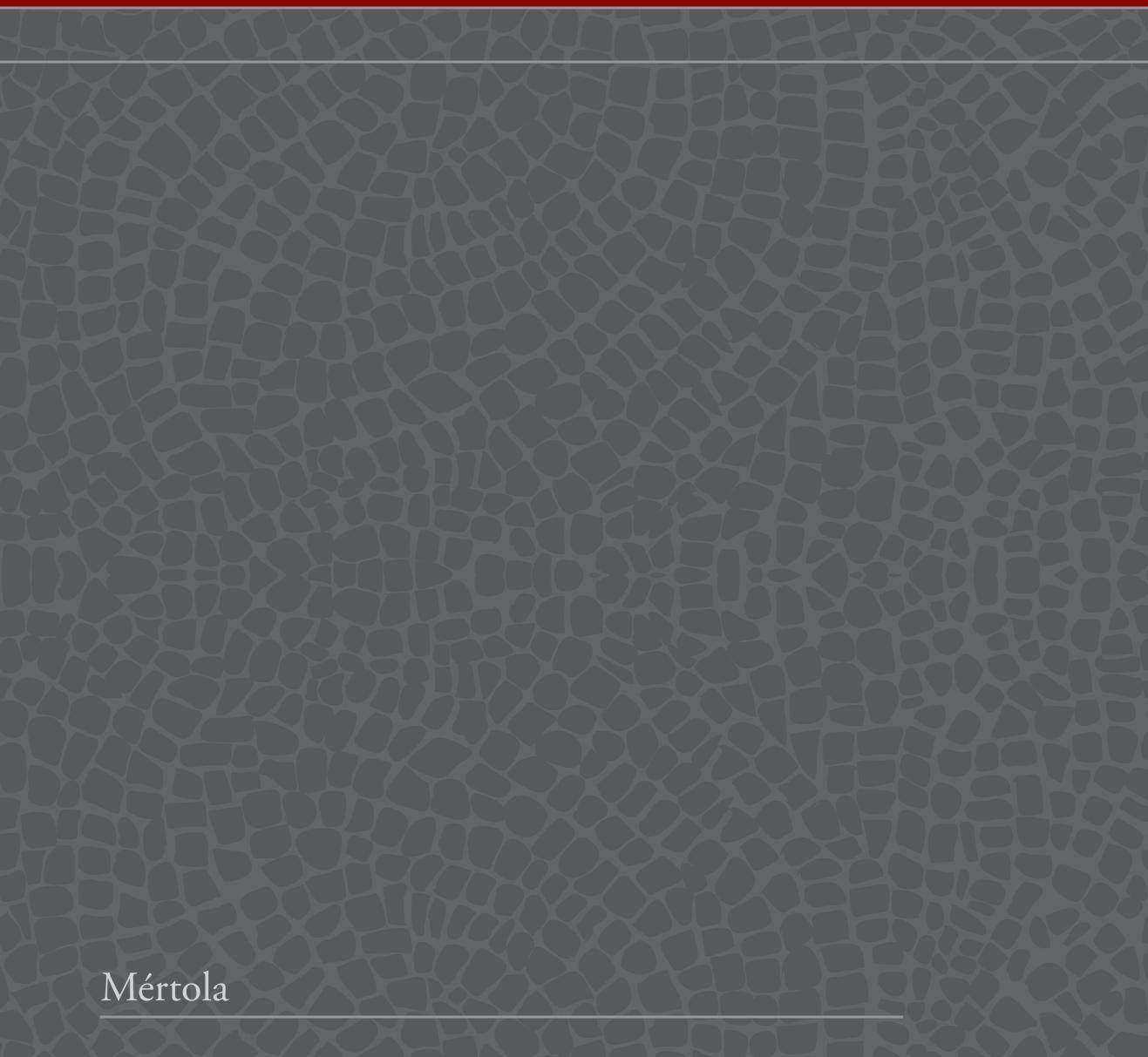
ARQUITECTURA DE MÉRTOLA ENTRE ROMA E O ISLÃO



Apresentação





Com o fim do Império Romano é um mundo que acaba e um outro que começa a nascer. Tempo de transformações, de lutas e pleno de acontecimentos contraditórios a passagem da Antiguidade para a Idade Média não foi a época de decadência e de destruição que uma certa tradição romântica consagrou.

Sem o poder centralizador do Império, cuja crise se torna irreversível ao longo do século V novas realidades emergem. Sem esse poder catalizador surgem, um pouco por toda a parte, oligarquias de expressão local que vaão tomar conta do vazio do poder.

Mértola não foi excepção. A vila, que desde sempre pusera o interior alentejano em contacto com o mar e que tirara partido desse estatuto de sítio portuário de grande importância estratégica, ganha um novo fôlego.

A riqueza metalífera do seu território passa a ser controlada pela classe dirigente local. Ao longo dos séculos V, VI e VII Mértola acumula riqueza e transforma-a, logo de seguida, em grandes investimentos públicos. Ao longo de pouco mais de duzentos anos Mértola fortifica-se e embeleza-se. A entrada do porto passa a ser protegida por uma imponente torre. O antigo forum é modificado e alberga uma área religiosa, que inclui uma basílica e um baptistério, luxuosamente decorados com mosaicos. Fora de portas, as antigas necrópoles romanas são cristianizadas, nelas se erguendo basílicas funerárias. Os dois espaços até hoje identificados, no Rossio do Carmo e junto ao Cine-Teatro, apontam para a existência nesta vila de diferentes comunidades cristãs.

A arqueologia tem vindo a arrancar ao seio da terra os testemunhos desses tempos longínquos. Impostas e frisos, epigrafia e mosaicos são o reflexo físico de uma sociedade em mutação, cuja diversidade cultural tentamos, a cada momento, desvendar e compreender um pouco mais.



